

O (bom e mau) cinema no jornal católico *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista* Rio de Janeiro (1920-1929)

Sancler Ebert*

Resumo: Este artigo mapeia a presença do cinema silencioso nas páginas do jornal católico *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista* (RJ), entre 1920 e 1929. A partir do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), foram examinadas 164 ocorrências do termo “cinema” nas edições disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O estudo evidencia a ambivalência do periódico diante do cinema: ao mesmo tempo em que denunciava o “mau cinema” como escola de crimes e ameaça à moral, também reconhecia no “bom cinema” um potencial pedagógico e evangelizador. A análise mostra ainda que mulheres e crianças foram os principais alvos da vigilância moral do jornal, como reflexo das mudanças advindas da modernidade nas questões de gênero e família. Deste modo, o artigo contribui para o entendimento de como a Igreja Católica utilizou a imprensa para difundir sua visão acerca do cinema e da modernidade.

Palavras-chave: imprensa católica, Igreja Católica, cinema silencioso, jornal *A Cruz*.

El cine (bueno y malo) en el periódico católico *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista* – Río de Janeiro (1920-1929)

Resumen: Este artículo analiza la presencia del cine silente en las páginas del periódico católico *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista* (RJ), entre 1920 y 1929. A partir del paradigma indicial (GINZBURG, 1989), se examinaron 164 menciones al término «cine» en las ediciones disponibles en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional. El estudio pone de manifiesto la ambivalencia del periódico ante el cine: al mismo tiempo que denunciaba el «mal cine» como escuela de delitos y amenaza para la moral, también reconocía en el “buen cine” un potencial pedagógico y evangelizador. El análisis muestra además que las mujeres y los niños eran los principales objetivos de la vigilancia moral del periódico, como reflejo de los cambios derivados de la modernidad en cuestiones de género y familia. De este modo, el artículo contribuye a comprender cómo la Iglesia católica utilizó la prensa para difundir su visión sobre el cine y la modernidad.

Palabras clave: prensa católica, Iglesia católica, cine silente, periódico *A Cruz*.

The (good and bad) cinema in the Catholic newspaper *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista* – Río de Janeiro (1920-1929)

Abstract: This article maps the presence of silent cinema in the pages of the Catholic newspaper *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista* (RJ), between 1920 and 1929. Based on the indexical paradigm (GINZBURG, 1989), 164 mentions of the term “cinema” were examined in the editions available in the National Library’s Digital Newspaper Archive. The study highlights the newspaper’s ambivalence towards cinema: while denouncing “bad cinema” as a school of crime and a threat to morality, it also recognized the pedagogical and evangelizing potential of “good cinema.” The analysis also shows that women and children were the main targets of the newspaper’s moral vigilance, reflecting the changes brought about by modernity in gender and family issues. Thus, the article contributes to the understanding of how the Catholic Church used the press to spread its view of cinema and modernity.

Keywords: catholic press, catholic church, silent cinema, *A Cruz* newspaper.

Introdução

Neste artigo mapeamos como o cinema silencioso apareceu nas páginas do periódico católico *A Cruz: Órgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*. Criado em 1919 dentro de um movimento maior da Igreja Católica e ter veículos de imprensa¹ o jornal carioca buscava apresentar o posicionamento da instituição frente as novidades da modernidade, oferecer uma ofensiva ao aumento da presença protestante no país e reforçar os valores cristãos junto aos fiéis.²

O jornal principia focado apenas na comunidade do bairro Botafogo, onde a paróquia estava localizada e depois se expande para mais regiões da cidade. Inicialmente quinzenal, o periódico passa a ser semanal em 1922. Ao longo das oito páginas habituais, reflexões bíblicas, cartas pastorais do arcebispo, contos moralizantes, notícias vinculadas aos temas cristãos dividiam espaço com publicidades de lojas de ferramentas e até mesmo de salas de cinema, mesmo o local sendo diversas vezes criticado (não a sala em específico, mas o espaço de exibição). O jornal inicia gratuito, com “distribuição aos pobres” e com o passar dos anos e sua ampliação, passa a ser comercializado, custando 100 réis em 1929, por exemplo. Entre seus colaboradores e redatores estão o cônego Arcoverde, padre J. Croiset, João Peixoto, Soares d’Azevedo e padre Rosalvo Costa Rêgo.³

Como estamos utilizando o periódico como fonte principal, importante algumas reflexões a cerca da utilização da imprensa como fonte histórica. Luca⁴ explica que o uso de periódicos como fontes de pesquisas no campo aconteceu a partir da Nova História e a mudança do paradigma de uma História panorâmica para as micro Histórias. O uso dos jornais como fonte histórica levou um tempo porque havia uma

¹ BRUM, Alessandra. “Estratégias de persuasão: o cinema visto pelo semanário lar católico”, *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, vol. 6, n. 12, 2016, pp. 99–109. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15741> [Acesso: 10 de julho de 2025].

² MACHADO, Daniel Fagundes de Carvalho. *A ‘cruzada magna’ do século XX: uma análise da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) sob a ótica do jornal A Cruz: órgão da paróquia de São João Baptista (RJ)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista, Franca, 2023.

³ *Ibid.*

⁴ LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: Pinsky, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2025.

desconfiança sobre o conteúdo destes que “continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”⁵. Ao historicizar o uso da imprensa como fonte histórica, Luca⁶ demonstra como cada pesquisa trouxe novas reflexões sobre o uso dos jornais e gerou uma compreensão de como utilizar tais materiais como fonte. Neste artigo, seguimos as indicações da autora sobre o uso de jornais como fonte histórica, como a localização do periódico na história da imprensa, a caracterização do grupo responsável pela publicação, a identificação dos principais colaboradores e para qual público se destinava, assim como a indicação das fontes de receita e as características de ordem material (periodicidade, uso de iconografia e de publicidade). A contextualização do periódico é importante, isso porque, como explica Teixeira:

O que o historiador deve levar em consideração ao utilizar a imprensa como fonte é o seguinte aspecto: há um processo histórico por trás e envolto à notícia. Ela surge como reação às conjunturas históricas, a fonte e quem as produz não são neutros, “a Imprensa age sempre no campo político-ideológico” (ZICMAN, 1985, p. 90). Ela visa uma ação social, a defesa de um programa, mesmo que oculto ou subentendido e não a reprodução estéril da “realidade”, como se fosse uma espécie de “arquivo do cotidiano” (ZICMAN, 1985, p. 90).⁷

Ao longo dos anos 1920, período analisado neste artigo, o Rio de Janeiro contou com mais de 800 periódicos, dos quais apenas uma dezena permaneceu em circulação no final da década.⁸ A quantidade de impressos pode ser entendida porque grande parte deles era provisório, como jornais de militância ou ligados às associações. Entre as publicações constantes, havia uma divisão entre aquelas que eram financiadas pelos órgãos oficiais e aquelas que viviam de publicidade e do aporte financeiro de seus proprietários e que se colocavam como de oposição ao governo. No meio delas, publicações como *A Cruz*, ligada à Igreja Católica. No período, a tônica dos impressos da Capital Federal era de textos repletos de superlativos e com notícias sensacionalistas

⁵ *Ibid.* p. 122.

⁶ *Ibid.*

⁷ TEIXEIRA, João Vítor de Armas. “A História dos, nos e por meio dos periódicos e a Hemeroteca Digital Brasileira: reflexões metodológicas”, *Revista Discente Ofícios de Clio*, vol. 8, n. 14, janeiro – junho de 2023, DOI: <https://doi.org/10.15210/clio.v8i14.25349>, p. 419.

⁸ BARBOSA, Marialva Carlos. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

sobre crimes e tragédias.⁹ O interesse pelo jornalismo policial, no entanto, não era uma marca exclusiva brasileira. Na França do início do século XX os jornais também exploravam as reportagens repletas de violência e sangue, criando todo um interesse pelas histórias de detetives, pela tentativa de esclarecimento de crimes e por uma noção de segurança pública. Kalifa¹⁰ compreende esse apreço pelas reportagens de crime como uma nova configuração provinda da modernidade e do sistema industrial das cidades, ou como ele descreve: um espelho distorcido da realidade.

Fazendo do crime e da delinquência objetos de terror ou fascínio cada dia mais estranhos às práticas cotidianas, ensinando a norma e difundindo o direito, legitimando a autoridade e ao mesmo tempo instituindo sobre seus atos direito de vigiar e procedimentos de controle, os relatos de crime também manifestaram a integração crescente à racionalidade policiada da ordem industrial.¹¹

A presença constante de crimes nos jornais vai aparecer também no periódico católico, mas no caso deste, como forma de alerta para os males da modernidade (e entre eles, o cinema).

Na investigação, utilizamos as edições de *A Cruz* disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Buscamos pelo termo “cinema” de 1919 a 1929. A escolha do recorte temporal considerou o ano de início da publicação até àquele em que são feitas as primeiras exibições cinematográficas sonorizadas no país.¹² Não foi encontrado nenhum registro em 1919, o que levou o artigo ao recorte a partir de 1920. As edições dos anos 1924, 1926 e 1927 não estavam disponibilizadas, portanto, não foi possível considerá-las para a análise. A partir disso, foram encontradas 164 menções no período investigado. Importante frisar que há 14 periódicos nomeados como *A Cruz* na plataforma e que analisamos o nomeado especificamente como *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*. Também católicos, os jornais homônimos eram de

⁹ BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas. Introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

¹⁰ KALIFA, Dominique. *A tinta e o sangue. Narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque*. São Paulo: Editoria Unesp, 2019.

¹¹ *Ibid.*, p. 469.

¹² FREIRE, Rafael de Luna. “Truste, músicos e vitrolas: A tentativa de monopólio da Western Electric na chegada do cinema sonoro ao Brasil e seus desdobramentos”, *Imagofagia. Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual*, n. 5, abril de 2012, pp. Disponível em: <https://imagofagia.asaeca.org/index.php/imagofagia/article/view/684> [Acesso: 01 de julho de 2025].

paróquias de diferentes estados como São Paulo e Minas Gerais (região Sudeste); Ceará, Pernambuco e Piauí (região Nordeste) e Mato Grosso e Goiás (região Centro-Oeste).

Ao partirmos de uma busca realizada na Hemeroteca Digital, é necessário refletirmos sobre o uso de ferramentas digitais de pesquisa. Para Brasil e Nascimento,¹³ o documento digitalizado requer do investigador o mesmo rigor metodológico no tratamento da fonte que se tem com a fonte não digital. Outro ponto relevante relacionado aos arquivos digitais é a fragmentação da pesquisa, dado que há uma inversão da lógica da pesquisa em materiais impressos, uma vez que, parte-se do termo ou palavra-chave a ser pesquisado para encontrá-lo no documento. Como resultado, há uma busca focada e que exclui a compreensão acerca do contexto da aparição da própria palavra. Nesse sentido, o pesquisador precisa buscar o contexto do termo e não ficar preso à citação, mas relacioná-la com os outros materiais presentes em seu entorno. A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional oferece formas de pesquisa que mitigam essa questão, pois é possível realizar uma investigação por todas as páginas dos jornais.

Ainda temos três aspectos a considerar no uso da pesquisa em acervo digital. Primeiro: o processo de digitalização de documentos não nativamente digitais está sujeito a erros na caracterização textual. Segundo: a linguagem possui a notável capacidade de referenciar objetos ou conceitos por meio de alusão indireta. Terceiro: o espectro de resultados esperados é invariavelmente passível de ser superado por descobertas inesperadas ou anteriormente não concebidas.¹⁴ A partir disso, é fundamental que o pesquisador cerque o objeto utilizando diferentes combinações de palavras-chave no motor de busca, para que possa alcançar um número maior de resultados e caso seja possível, realize uma investigação por edição do periódico. Não há método infalível, por isso, é importante a reflexão sobre a pesquisa em acervos digitais e o detalhamento dos procedimentos metodológicos.

¹³ BRASIL, Eric e Leonardo Fernandes Nascimento. “História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica”, *Revista Estudos Históricos*, v. 33, n. 69, 1 jan. 2020, pp. 196–219, DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-14942020000100011>.

¹⁴ *Ibid.*

Para analisarmos o material jornalístico utilizamos o paradigma indiciário. Segundo Ginzburg, é possível reconstituir uma dada realidade por meio dos vestígios encontrados em documentos históricos. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas –sinais, indícios– que permitem decifrá-la”¹⁵. O pesquisador compreende o trabalho do historiador como um ofício artesanal, no qual há o domínio de um saber e de uma técnica comprometida com a averiguação, onde prova e retórica andam juntas.¹⁶ Dessa forma, ainda que os escritos sobre cinema estejam espalhados ao longo de anos e correspondam a pequenas partes de um todo, eles nos permitem ir construindo uma imagem maior de como o jornal católico via o cinema na década de 1920. Isso é possível porque, não nos limitamos aos recortes do periódico, mas os relacionamos com bibliografias, outras pesquisas, ou seja, os colocamos à prova.

A partir disso, estruturamos o mapeamento a partir da identificação de temas relacionados ao cinema que se repetiam ao longo dos anos. Dessa forma, abordamos o alerta sobre o mau cinema; a preocupação do periódico com influência do cinema sobre crianças e mulheres e a busca pela definição e apropriação do bom cinema. Ainda que tenhamos encontrado diversos registros dos movimentos católicos sobre o assunto, como a realização de congressos e a criação de cinemas nas paróquias, optamos por não discutir esse ponto neste artigo, entendendo que há uma necessidade de um outro texto apenas dedicado a ele.

Igreja Católica, modernidade e imprensa

Com o avanço da modernidade nas sociedades ao redor do mundo, a Igreja Católica percebeu que estava perdendo espaço e que novos costumes e tecnologias vinham para enfraquecer o espírito cristão. Como reação, passou por um processo de reorganização institucional, marcado pela centralização do poder eclesiástico em torno do papado e pela rejeição às ideologias modernas. Conhecida como

¹⁵ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 177.

¹⁶ RODRIGUES, Márcia B. F. “Razão e Sensibilidade: Reflexões em torno do Paradigma Indiciário”, *Dimensões - Revista de História da Ufes*, n. 17, 2005, pp. 213-221. Disponível em: <https://www.portaldepublicacoes.ufes.br/dimensoes/article/view/2431> [Acesso: 7 de agosto de 2025].

Ultramontanismo, essa reconfiguração, apesar de iniciada no século XIX, ganhou força renovada no século posterior.

À medida que aumentava a ala de seus inimigos, o discurso Ultramontano se redefinía, contrariando, de forma mais ferrenha, os anarquistas, socialistas e comunistas, assim como as novas práticas religiosas que cada vez mais ganhavam novos adeptos, como o espiritismo e protestantismo, estendendo-se, também, numa profunda crítica à maçonaria.¹⁷

No Brasil, esse projeto ideológico vai ser de suma importância. A primeira razão se dá pela necessidade de a Igreja reforçar sua presença no país após a perda de sua influência sobre o Estado com a Proclamação da República em 1889, ratificada pela Constituição de 1891. Com o avanço das ideias liberais e da defesa da individualidade, a Igreja via seu espaço de poder sobre a sociedade diminuir. A segunda se explica porque o Brasil, como nação majoritariamente católica, era considerado um bastião da fé na América Latina, tendo como missão não se render às influências do comunismo internacional.

(...) a Igreja na Primeira República aparece como uma instituição ao mesmo tempo estranha e necessária. Estranha porque, pela sua própria característica de Igreja, se encaixa com dificuldade na nova ordem de coisas que se está implantando no país; necessária porque é valioso instrumento na manutenção da ordem, que sacraliza e abençoa aos olhos do povo.¹⁸

Como forma de manter sua importância no país, a Igreja Católica vai atuar em duas frentes. De um lado, vai aumentar o número de dioceses no país. Durante a Primeira República são fundadas 56 dioceses no Brasil.¹⁹ Por outro lado, vai utilizar a imprensa para promover a visão de mundo em que a Igreja se posicionava como guia moral e salvaguarda da civilização ocidental. Com isso, vão surgir diversas publicações católicas, como as revistas *Vozes de Petrópolis* (1907), *A Tela* (1919) e *A Ordem* (1921) e os jornais *A União* (1916) e *A Cruz*, foco deste artigo, entre outros.²⁰

¹⁷ MACHADO, *op. cit.* p. 36.

¹⁸ MOURA, Sergio Lobo de e José Maria Gouvêa de Almeida. “A Igreja na Primeira República”. In: Pinheiro, Paulo Sergio (org.). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano. V. 9. Sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 356.

¹⁹ AQUINO, Maurício de. “Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930)”, *Revista Brasileira de História*, vol. 32, n. 63, 2012, pp. 143-170, DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000100007>

²⁰ GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira e Raquel Costa Santos. “Cinema e católicos no Brasil: entre a ação pastoral-religiosa e a ação cultural-educacional”, *ALCEU*, v. 15, n. 30, jan./jun. 2015, pp. 146-167.

O jornal *A Cruz* não apenas relatava os eventos do cotidiano ou se limitava a assuntos eclesiais ou paroquiais, pelo contrário, a partir de notícias, contos e artigos discutia a política, a educação e a moral pública. As páginas do jornal apresentavam uma visão de mundo que buscava moldar a consciência dos fiéis, pautando o cotidiano a partir de valores religiosos e combatendo, com veemência, tudo o que pudesse representar ameaça à religião, como por exemplo, o cinema.

A Igreja Católica, desde as primeiras exibições do cinematógrafo, não se mostrou indiferente a essa nova atividade cultural e social. Dado o crescente interesse da população em geral pelo cinema, a Igreja Católica tomará uma série de medidas no sentido de orientar seus fiéis frente às mensagens que as obras cinematográficas transmitiam e é a partir dessa preocupação que vão surgir algumas iniciativas que serão reafirmadas pelas Encíclicas Papais.²¹

Antes da Encíclica Papal *Vigilanti Cura* de 1936, na qual o Papa Pio XI tratará o cinema como uma atividade propagadora do pecado e do vício, a Igreja já se posicionará em relação à nova arte. Em junho de 1912, sob liderança do Papa Pio X, a instituição publicará um ato sobre as exibições de filmes dentro das igrejas. Como regras, homens e mulheres deveriam sentar-se separados; no momento da projeção o local ficaria em semiobscuridade, nunca em total breu; o vigário teria de assistir todas as sessões, exercendo vigilância; e só seriam exibidos filmes religiosos e morais.²² Logo em seguida, em dezembro do mês ano, o Vaticano proibiu as projeções em igrejas a partir da decisão dos Padres Eminentíssimos da Sagrada Congregação Consistorial, ratificada pelo Papa Pio X. O decreto justificava a proibição ao afirmar que “esta prática tinha o objetivo louvável de contribuir para a instrução de religiosos e fiéis, mas todavia parece evidente que ela se prestava facilmente a perigos e inconvenientes”²³. Como veremos a seguir, esse impedimento foi retirado, dado que algumas paróquias do Rio de Janeiro farão exibições, com divulgação da imprensa católica.

Essa relação conturbada da Igreja com o cinema ficará visível nas páginas de *A Cruz*, com anúncios de cinema coexistindo na mesma página com críticas à Sétima Arte, alertas sobre a influência danosa das fitas se emparelhando com a defesa de um

²¹ BRUM, *op. cit.*, p. 102.

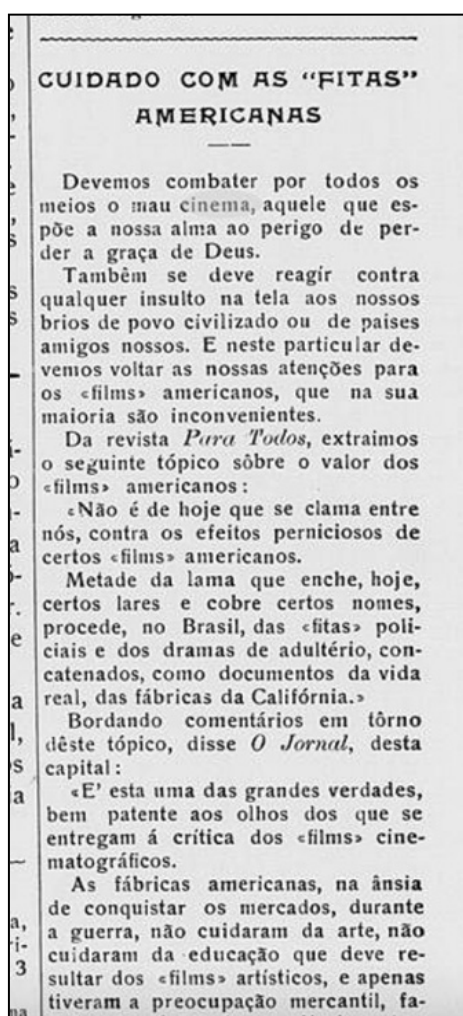
²² SILVEIRA, Walter da Silveira. *A história do cinema vista da província*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

²³ ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *Meios de comunicação católicos na construção de uma ordem autoritária: 1907-1937*, Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 37.

cinema bom. Ao longo da década de 1920, a Igreja Católica vai buscar influenciar a produção de filmes, ditar o que pode ser visto e afastar seus fiéis dos perigos da tela grande, entendendo a imprensa como ferramenta para isso.

Nas condições que o mundo se acha atualmente, o jornal católico pode valer mais, na repressão da anarquia e das demais teorias dissolventes, do que um decreto do governo ou dois batalhões de artilharia montada. (...) Aqui mesmo, quem quiser saber se esta fita de cinema ou aquele drama de teatro pode ser assistido por crianças ou mocinhas de educação, só na imprensa católica achará quem o informe.²⁴

O mau cinema: corruptor, escola de crimes, obra do diabo



“Ciudadado com as ‘fitas’ americanas”, *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 28 de novembro de 1920, p. 4.

Dentre todas as formas como o cinema vai aparecer no periódico na década de 1920, definitivamente, será a negativa a mais recorrente. O termo “mau cinema” será utilizado para criticar os filmes que se afastam da moral católica e estão a serviço das modernidades, afinal: “O mau cinema é, sem dúvida, um dos perigos mais sérios que existem para o bem-estar de uma sociedade de espírito de sentimentos cristãos”²⁵. A adjetivação também será importante para diferenciar do que seria o bom cinema, obviamente, aquele em sintonia com os valores cristãos. Então iniciamos o mapeamento de como o cinema está presente nas páginas de *A Cruz* pelos registros sobre esse cinema que é visto como má influência.

Um dos primeiros registros com a definição do que seria um mau cinema é de 1920. Intitulado “Cuidado com as ‘fitas americanas’”, o

²⁴ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 25 de janeiro de 1920, p. 2.

²⁵ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 30 de agosto de 1925, p. 1.

texto utilizava trechos publicados em outros jornais da cidade para alertar sobre a produção cinematográfica norte-americana.

Devemos combater por todos os meios o mau cinema, aquele que expõe a nossa alma ao perigo de perder a graça de Deus. Também se deve reagir contra qualquer insulto na tela aos nossos brios de povo civilizado ou de países amigos nossos. E neste particular devemos voltar as nossas atenções para os “filmes” americanos, que na sua maioria são inconvenientes. Da revista *Para todos*, extraímos o seguinte tópico sobre o valor dos “filmes” americanos: “Não é de hoje que se clama entre nós, contra os efeitos perniciosos de certos “filmes” americanos. Metade da lama que enche hoje, certos lares e cobre certos nomes, procede, no Brasil, das “fitas” policiais e dos dramas de adultério, concatenados, como documentos da vida real, das fábricas da Califórnia”. Bordando comentários em torno deste tópico, disse *O Jornal*, desta capital: “É está uma das grandes verdades, bem patente aos olhos dos que se entregam à crítica dos “filmes” cinematográficos. As fábricas americanas, na ânsia de conquistar os mercados, durante a guerra, não cuidaram da arte, não cuidaram da educação que deve resultar dos “filmes” artísticos, e apenas tiveram a preocupação mercantil.”²⁶

Um ponto a se destacar na nota é o relevo que é dado a nacionalidade das fitas. Depois da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos se transformaram numa potência cinematográfica, ocupando um mercado que antes era liderado pelos europeus.²⁷ Com isso, seus modos e costumes passaram a ditar as regras no Brasil, o que incomodava os líderes católicos. Num artigo, publicado em novembro de 1925, vão ser criticada as modas da América do Norte que os brasileiros buscam imitar, assim como os comportamentos desviantes dos americanos.

Os colarinhos dos rapazes, o seu modo de andar e de fumar, a violência e o decidido dos gestos, tudo revela a imitação, consciente ou inconsciente, dos galãs da tela. Quanto às moças, nem é bom falar – pois quase tudo de seus hábitos e ademanos lhes vem, infelizmente dos péssimos modelos norte-americanos. Ora, se tudo se limitasse à vivacidade e desembaraço gracioso dos gestos, ao gosto dos “sports” e das aventuras inocentes, estava tudo muito bem... o pior é que através disso vem os princípios morais e religiosos e esses, absolutamente, não convêm às moças brasileiras. Não acreditamos que a mulher “yankee” seja o que no-lo pintam os filmes que de lá vem, mas, por isso mesmo, nos revoltamos contra o des pudor com que nesses filmes elas mudam de marido como quem muda de roupa... Não é clara, aí, a insinuação do funesto princípio do divórcio, da dissolução conjugal que tanto dano tem causado a França, aos próprios Estados Unidos e q quantos países caíram na ingenuidade de o adotar? Como se vê, o

²⁶ *A Cruz: Orgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*, 28 de novembro de 1920, p. 4.

²⁷ FREIRE, Rafael de Luna. *O negócio do filme: a distribuição cinematográfica no Brasil, 1907-1915*. Rio de Janeiro: Cinemateca MAM Rio, 2022.

perigo que nos vem através dos filmes está a merecer um estudo muito sério por parte de todos os que se interessam pela conservação do verdadeiro espírito e religião nacionais.²⁸

Ainda sobre a nota intitulada “Cuidado com as ‘fitas americanas’” podemos identificar nela vários dos argumentos que vão se repetir ao longo dos anos no periódico: a definição do que seria um mau cinema, a necessidade de reação a esses tipos de filmes, o que eles acarretam às famílias e a alegação de que os filmes norte-americanos eram desviantes por serem produzidos apenas visando o lucro e não a educação da sociedade.

Começemos pelos atributos do mau cinema, um dos expoentes máximos da crise de depravação dos sentimentos artísticos.²⁹ Um artigo já indica no título: “O cinema corruptor”³⁰. Ao decorrer do texto mais uma designação: “O cinema é uma escola de crimes”. A visão educacional negativa vai aparecer também em trechos como “a maior escola de perdição”³¹, “uma escola de vícios”³², “escola de depressão”³³, “escola do mal, em cursos completos e minudentes”³⁴ e o “curso mais completo e aperfeiçoado da infâmia e da devassidão. (...)”³⁵. Essa ideia de que o cinema poderia ensinar valores erráticos e como cometer crimes vai ser elaborado em diversos artigos, como demonstram os trechos abaixo.

Pouco gente dá ao cinema a importância que ele tem realmente como escola de educação. Acha-se, em geral, que é exagero tudo o que por aí se diz a respeito de quadrilhas de ladrões organizadas por influência de certos filmes onde se ensinam os mais engenhosos truques da arte de burlar a polícia... Entretanto, basta olhar ao redor para se ver nítida, irrecusável, a evidência desse lento, porém seguro, influxo das imagens cinematográficas.³⁶

O espetáculo habitua e instiga ao crime: o sangue vertido, a astúcia nos furtos, seduções e exhibições vergonhosas, desfazem o véu do decoro e são um perigo direto para os bons costumes. As paixões, com encantos diabólicos de *mise en scene*, com a torpe linguagem dos

²⁸ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 28 de junho de 1925, p. 1

²⁹ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 23 de junho de 1929, p. 2.

³⁰ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 12 de março de 1922, p. 1.

³¹ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 29 de outubro de 1922, p. 3.

³² A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 30 de agosto de 1925, p. 1.

³³ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 08 de setembro de 1929, p. 3.

³⁴ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 22 de setembro de 1929, p. 1.

³⁵ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 14 de julho de 1929, p. 2.

³⁶ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 28 de junho de 1925, p. 1.

olhos, das mãos e do corpo, encontram adaptável terreno no coração desprevenido da adolescência e são a origem de grandes desordens e inúmeras desgraças. Tudo isto o mau cinema engendra, apresenta e difunde. Que diremos dos filmes anticatólicos, satanicamente feitos e exibidos contra a Igreja, contra os seus dogmas, sua doutrina e sua história? E que diremos dessas tristíssimas representações, povoadas dos episódios mais extraordinários e inverossímeis, que, exercitando o nervosismo doentio de muitos, lhe torna odioso o regresso à inevitável realidade das cousas?³⁷

A capacidade da Sétima Arte em induzir ao crime vai surgir em diversas notícias, de fatos ocorridos no país ou fora dele. Um exemplo é a história de duas jovens da cidade de Chichester, na Inglaterra, que teriam rendido com uma arma um chofer e o obrigado a conduzi-las até Londres. Depois de presas, as moças teriam declarado ao juiz que “a aventura fora praticada em consequência de forte paixão suscitada num cinema, e por meios que o próprio cinema lhes indicara”³⁸. No desfecho narrado pelo jornal, o juiz, também pai de cinco moças, limitou-se a condenar as duas jovens a privação de seis meses sem cinemas.

Conforme já citamos anteriormente, os relatos de crimes se tornaram comuns na imprensa do período. Conforme relata Barbosa, “Envolvendo crimes, desastres, roubos, incêndios, enfim, as tragédias diárias, transportam para os textos um Rio de Janeiro construído de lugares existentes e personagens perfeitamente identificáveis”³⁹. O apelo das histórias policiais não ficava circunscrito às páginas dos jornais, mas também influenciava a produção de filmes. As películas inspiradas em crimes reais constituíam um filão de sucesso, como foram *Os estranguladores* e *Crimes da Mala*⁴⁰ e demonstravam uma relação entre a imprensa e o cinema da época. Os jornais relatavam de forma romanceada os crimes e utilizavam várias fotografias para ilustrar as histórias. Os filmes davam vazão a esse desejo de reconstituir por imagens os crimes. Relevante destacar que os filmes criminais do início do Século XX não podem ser tomados por um fato isolado, dado que havia produções sobre crimes em outras cinematografias como a britânica, a francesa e a norte-americana. Ou seja,

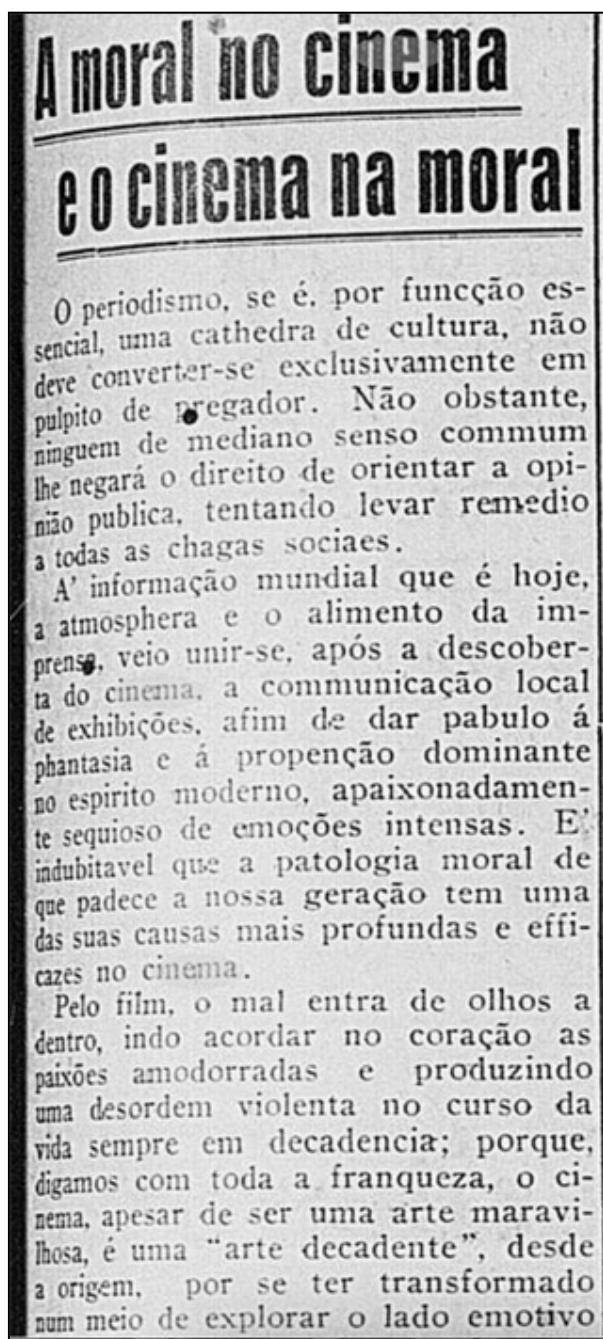
³⁷ *A Cruz: Orgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*, 12 de março de 1922, p. 1.

³⁸ *A Cruz: Orgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*, 07 de julho de 1929, p. 3.

³⁹ BARBOSA, *op. cit.*, p. 50.

⁴⁰ BERNARDET, Jean Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia*. São Paulo: Annablume, 1995.

os filmes policiais brasileiros se enquadravam em “um gênero cinematográfico que já se manifestara dez anos antes e estava razoavelmente consolidado em 1908”⁴¹.



“A moral no cinema e o cinema na moral”, *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 29 de julho de 1928, p.1.

Outra vítima dos efeitos de cinema teria sido um menor de idade que roubou joias no andar térreo da casa onde habitava e que ao ser interrogado, confessou que o crime fora realizado porque ele “desejara reproduzir uma cena a que assistira na exibição de uma fita policial”⁴². A relação entre menores e criminalidade era estranhamente comum no início do século XX. O Código Penal republicano previa não se consideravam criminosos os menores de 9 anos e os menores entre 9 e 14 anos que tivesse cometido ato criminoso sem discernimento. Entre os crimes mais comuns cometidos por menores estava desordem, vadiagem, embriaguez, furto ou roubo. Aqueles que fossem considerados criminosos eram levados a institutos disciplinares.⁴³ A má influência do cinema sobre as crianças será motivo de preocupação do

periódico, discutiremos sobre em um próximo ponto.

⁴¹ *Ibid.*, p. 68.

⁴² *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 17 de novembro de 1929, p. 6.

⁴³ SANTOS, Marco Antonio Cabral dos. “Criança e criminalidade no início do século XX”. In: Priore, Mary Del. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: contexto, 2024. pp. 210-230.

Além de ensinar crimes, o mau cinema era culpado por provocar reações intensas nos espectadores, fazendo com que buscassem sempre emoções fortes, o que o periódico católico via como uma antítese da realidade. No artigo “A moral no cinema e o cinema na moral”, o jornal afirma que “Pelo filme, o mal entra de olhos adentro, indo acordar no coração as paixões amodorradas e produzindo uma desordem violenta no curso da vida sempre em decadência”⁴⁴. Isso aconteceria porque o cinema seria, desde sua origem, uma arte decadente, por “ter se transformado num meio de explorar o lado emotivo humano”⁴⁵. Um dos problemas desses filmes, como já citado, era o relevo que davam às paixões, “ensinando à plateia... a metodologia de todos os crimes”⁴⁶.

E é tão forte, nos dias de agora, a ânsia de “ver” e de “sentir” que saciá-la se conta entre as obrigações precípuas da vida. O hábito vai impondo quase como “dever social? A assistência, pelo menos, a uma sessão semanal de cinema, com a agravante entristecedoras para quantos se empenham pela integridade dos costumes, de que a “a fita deve ser sensacional até enrubescer” ... Não é que se queira apenas tomar uma “distração”: quer-se receber uma “impressão”, intensa, comovedora até os recônditos mais íntimos da alma.⁴⁷

O desejo por sensações intensas não ficava a cargo apenas do cinema, dado que os jornais do período abusavam das narrativas de sensações para atender os leitores ávidos por emoções.⁴⁸ A preocupação com o vício nos sentimentos intensos vai se desdobrar em outras partes do texto apócrifo. O autor vai acusar as “melhores famílias” de frequentarem cinemas que não os católicos sob o pretexto de “aristocratismo”, quando na verdade vão “arrastadas pelo carro triunfante das paixões”. O artigo ainda vai criticar a desculpa de que tais filmes não fariam mal, porque a “vida é toda mesmo assim”. A partir disto, o autor questionará como pessoas que se consideram cristãs permanecem frequentando as salas de cinema mundanas.

A vida é toda mesmo assim!... Que pretexto para se conciliar num mesmo “eu”, esta duplicidade de consciência com que muitos aparecem nos templos e nas relações sociais (...) Há um nexos bem forte entre a moral do cinema e o “cinema da moral”. Não há divórcio: há parentesco e afinidade entre a perversão degradante da fita e imoralidade do coração. De outro modo não se explica como pessoas de cultura religiosa e de “alma cristã” permaneçam, dia sim e dia não, e

⁴⁴ *A Cruz: Orgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*, 29 de julho de 1928, p.1.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ *Ibid.*

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ BARBOSA, *op. cit.*

“porque a vida é mesmo assim”, em cenários envenenadores da consciência. Porque, se a vida é mesmo assim, não o deve ser todavia...⁴⁹

Fechando o texto, o articulista vai demarcar que a moral do cinema não corresponde às crenças cristãs: “a moral do cinema’ variável, oportunista, efêmera, relativa, não se parece com as leis do Decálogo, firmes, eternas e as únicas que dirigem o homem até a meta de seus destinos imortais”⁵⁰.

Figura importante para os católicos, Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, também questionará a vida dupla dos que se dizem cristãos, mas frequentam o que ele chama de “maior praga, em nossos dias, contra a moralidade”⁵¹. E assim como o artigo, afirmará a contraposição entre cinema e religiosidade: “Como há tanta gente que vai diariamente ao cinema e comunga no dia seguinte? As imagens do Nosso Senhor e as do cinema são incompatíveis”⁵². A crítica aos religiosos que trocavam as igrejas pelas salas de cinema também aparecerá em periódicos não católicos, como o *Gazeta de Notícias*.⁵³

Ainda que o texto e o arcebispo vissem essa impossibilidade de coexistência entre as suas relações mundanas e religiosas, não parecia ser essa a visão dos fiéis. Isso porque o início do século XX foi marcado pela transformação da vida social. O lazer deixava o íntimo das casas, onde aconteciam saraus, reuniões e bailes e passava para às ruas, com o *footing* (o andar pela cidade à guisa de uma necessidade física ou de deslocamento entre locais), com as idas aos cinemas, teatros e cafés. Nessa nova ordem, não bastava sair de casa, era necessário ser visto. De acordo com Araújo,⁵⁴ com a atração das famílias pela rua em busca de lazer e recreação, apenas o dia deixa de bastar e desperta-se nos cariocas o gosto pela vida noturna. Essa presença na rua será uma das críticas mais recorrentes às mulheres católicas, como veremos mais à frente.

⁴⁹ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 29 de julho de 1928, p.1.

⁵⁰ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 29 de julho de 1928, p.1.

⁵¹ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 28 de abril de 1925, p. 3.

⁵² *Ibid.*

⁵³ LAPERA, Pedro Vinicius Asterito e Felipe Davson Pereira da Silva. “Entre moralidades e visualidades: cinema e religião na Primeira República”, *MATRIZES*, v. 16, n. 1, 2022, pp. 257-283, DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i1p257-283>

⁵⁴ ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Embora condenasse a procura pelas emoções em excesso, o periódico tentava conciliações. Numa crítica ao filme *Agonia de Jerusalén*,⁵⁵ o jornal argumentava que, existiam filmes instrutivos e de profundo senso moral que entregavam a intensidade almejada sem com isso corromper a alma.

Gostam, infelizmente, os jovens e, particularmente, as nossas jovens patricias, que estão na chamada “idade de gozar a vida”, de coisas fortes, como literatura forte, romances fortes, teatros fortes, cinemas fortes, bailados fortes e jazzbandizados, etc. etc. Pois, o filme “Agonia de Jerusalém” é forte, mas de um forte salutar, que distraí e diverte, educa e instrui, eleva e comove, e não enfraquece nem envenena a alma...⁵⁶

Se o mau cinema tinha esse poder de educar para o errado e provocar fortes reações, era porque o cinema (seja ele bom ou mau), acessava facilmente qualquer tipo de pessoa. “Como ordinariamente o povo lê pouco, o écran, para milhões de pessoas é o único inspirador e o único educador”⁵⁷, afirmava um artigo. Diversas publicações vão utilizar esse argumento, tanto para falar do potencial positivo, quando negativo de tal arte: “(o cinema é) uma arma de dois gumes, podendo fazer infinito bem e infinito mal conforme o critério dos produtores de filmes”⁵⁸. Segundo o jornal, diferente da literatura que requeria um domínio da leitura, o cinema, neste sentido, era acessível a todos. “Mil vezes pior que o livro, o cinema faz mal a cultos e incultos, a letrados e iletrados porquanto as figuras animadas objetivam de modo muito mais eficaz as ideias tornando-as acessíveis a quem quer que possua uma inteligência normal ou vulgar”⁵⁹.

A razão de uma arte com predisposição ao educativo e ao moral se desvirtuar recaía, de acordo com alegações dos autores de *A Cruz*, sobre os produtores dos filmes que se preocupavam unicamente com o dinheiro a ser arrecadado. Um artigo de título “O cinema corruptor”, iniciava falando do poder da nova arte. A publicação apresentava os impressionantes números relativos ao cinema. No mundo, 60 mil salões

⁵⁵ Em sua tese de Doutorado, Luiz Vadico discute os filmes produzidos sobre a figura de Jesus Cristo. VADICO, Luiz Antonio. *A imagem do ícone - Cristologia através do cinema. Um Estudo sobre a Adaptação Cinematográfica da Vida de Jesus Cristo*, Tese (Doutorado em Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, 2005.

⁵⁶ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 04 de agosto de 1929, p. 3.

⁵⁷ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 12 de março de 1922, p. 1.

⁵⁸ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 30 de agosto de 1925, p. 1.

⁵⁹ *Ibid.*

destinados a espetáculos cinematográficos “sobre os quais se projetam e desfilam diariamente cerca de 150 milhões de metros de filmes”. 25 mil salas apenas nos Estados Unidos, que recebiam 20 milhões de espectadores diariamente. A indústria cinematográfica ocupava o terceiro lugar, no comércio mundial, depois do trigo e carvão. Após introduzir esse contexto impressionante, o autor do texto demonstrava ressentimento pelo cinema:

(...) que poderia e deveria ser um instrumento bem precioso de educação moral e cívica, tornou-se, nas mãos mercenárias dos que com ele mercadejam tudo, um agente de desmoralização tanto mais perigoso quanto mais poderosamente ele influi na imaginação e nas faculdades da alma.⁶⁰

Para finalizar sua crítica, o autor cita o escritor Luiz Jalabert, que num artigo dos “Études”, teria responsabilizado o cinema “pelo aumento e difusão da criminalidade, pelos rebaixamentos da moral doméstica e publica, e até por doenças físicas, nervosas e psicológicas, que são o desespero dos médicos”⁶¹.

Outro artigo também culpabilizará os produtores norte-americanos pelos filmes desviantes, argumentando que ao invés do cinema estar “em mãos inteligentes, de homens interessados pelo bem do próximo e grandeza moral da sociedade”, estava na realidade “entregue a mãos mercenárias, a quem pouco importa a intoxicação geral que ela causa”. Além da ganância, outra razão era que “a moral ‘yankee’ é livre como o exame de sua bíblia. (...)”⁶².

Contudo, não recaía apenas sobre os homens a culpa pelo mau cinema. No conto “O pecado da Luz”⁶³, de Pierre L’Ermite, traduzido do original francês, Deus descobria o criador da Sétima Arte: o próprio diabo.

(...) – Senhor, aqui estou!

Depois de considerar, por alguns instantes, aquele que fora o mais belo dos anjos... a luz da luz e cujo orgulho insensato convertera-o no ente odiento que ali estava fremente e ainda revoltado, Deus mostrando o triste oceano das almas humanas, exclamou:

- Que maldade a mais cometeste?

⁶⁰ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 12 de março de 1922, p. 1.

⁶¹ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 12 de março de 1922, p. 1.

⁶² A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 21 de julho de 1929, p. 3.

⁶³ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 20 de maio de 1928, p. 7.

- Senhor, não ultrapassei as resistências que vós mesmo me impusestes.
 - Atiraste, no entanto, à curiosidade dos homens um novo fruto da árvore maldita da Ciência!
 - Qual?
 - Bem sabes!
 - O cinema...?
 - Nomeaste-o.
- O anjo mais teve um sorriso sarcástico.
- Sim, eu, o Maldito, filho da Luz, fiz com que a própria luz pecasse!... (...)

Se o cinema era inimigo da moral e da fé cristã, naturalmente só poderia ser obra do diabo. Como outros contos publicados no periódico, a tônica do texto será moralizante, narrando histórias fantasiosas, como a citada acima, para condenar algum tipo de prática ou criando situações para explicar como certos comportamentos afastavam os cristãos de Deus. Um exemplo é o conto “A volta antecipada”⁶⁴, de Andre Romane, traduzido do original francês. No texto, um casal de pais sempre sai à noite para ir ao cinema e deixa a filha pequena aos cuidados de uma empregada. Uma noite, resolvem retornar mais cedo e flagram a serviçal vestida em trapos com a criança e descobrem que a mulher aproveitava a saída dos patrões para mendigar na rua com a filha do casal. Essa crítica aos pais que abandonam os filhos em detrimento da rua será recorrente no jornal, principalmente porque a defesa das crianças será um ponto importante para o periódico católico, como veremos a seguir.

Os perigos do cinema às crianças e às mulheres

Se havia no periódico *A Cruz* uma preocupação sobre a influência do mau cinema sobre seus fiéis, essa apreensão era maior em relação às crianças e às mulheres. Primeiro, devemos compreender que o próprio entendimento da criança como categoria social era bastante recente, dado que a pediatria havia sido introduzida na faculdade de Medicina brasileira em 1890. De acordo com Araújo,⁶⁵ esse fato ratificava a estreita ligação entre a valorização da infância e a instituição de ordem republicana. Um dos pilares da República era o ideal de família. Por consequência, havia um interesse público pelo bem-estar da criança.

⁶⁴ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 04 de março de 1928, p. 7.

⁶⁵ ARAÚJO, *op. cit.*

No projeto de nação que os republicanos traçavam para o país, a infância era vista como uma questão nacional. As crianças eram o futuro e por isso era preciso educá-las dentro da moral republicana, visando um aprimoramento da raça e o engendramento da pátria.⁶⁶

A educação pretendida deveria proporcionar o aperfeiçoamento intelectual, a grandeza ética, o desenvolvimento físico capaz de revogar, na criança, tendências adquiridas e herdadas que acabavam por impulsioná-la em direção a uma vida desregrada e corrompida.⁶⁷

Apesar disso, não havia um consenso sobre o local da criança na sociedade, que ora era visto como um “pequeno adulto”, ora como pertencente a um contexto específico infantil.

Enquanto para algumas famílias parecia benéfico e natural que as crianças desfrutassem das atrações recreativas da cidade e se divertissem ao lado dos parentes e empregados, para outras as crianças deveriam ficar circunscritas ao espaço doméstico e aos programas de lazer adequados à infância. Os adeptos deste princípio tinham duas razões: a primeira para não atrapalhar os programas, fazendo barulho e inibindo as conversas. A segunda era em nome da defesa de padrões morais. Estes queriam preservar a criança dos ambientes que pudessem despertá-la para o sexo, considerando nocivos aos valores morais. Argumentavam que as crianças não deviam trabalhar em teatro, mesmo sendo filhos de atores, nem muito menos assistir a espetáculos que apresentassem os “requebros sensuais dos nossos artistas de maxixe”. Era a profanação da infância. As peças de amor e os filmes que mostram atitudes “pouco castas das heroínas do cinema” eram igualmente considerados prejudiciais.⁶⁸

Facilmente podemos reconhecer que os católicos estavam nesse último grupo que condenava a presença das crianças em locais como o cinema. Eles acreditavam que o ambiente cinematográfico tinha poder de influência sobre a criança, “muito sensível a coisas bonitas que lhe façam sorrir a alma. Ela não tem as faculdades físicas desenvolvidas para saber discernir o bem do mal. Vê e imita”⁶⁹. Os defensores da proibição da entrada de crianças em cinema e teatros ganharam um aliado no juiz Mello Matos, que em dezembro de 1927, apenas dois meses após a promulgação do Código de Menores, censurou uma matiné infantil. A partir disso, iniciou-se uma discussão pública sobre os locais adequados para os menores e espalhou-se decisões

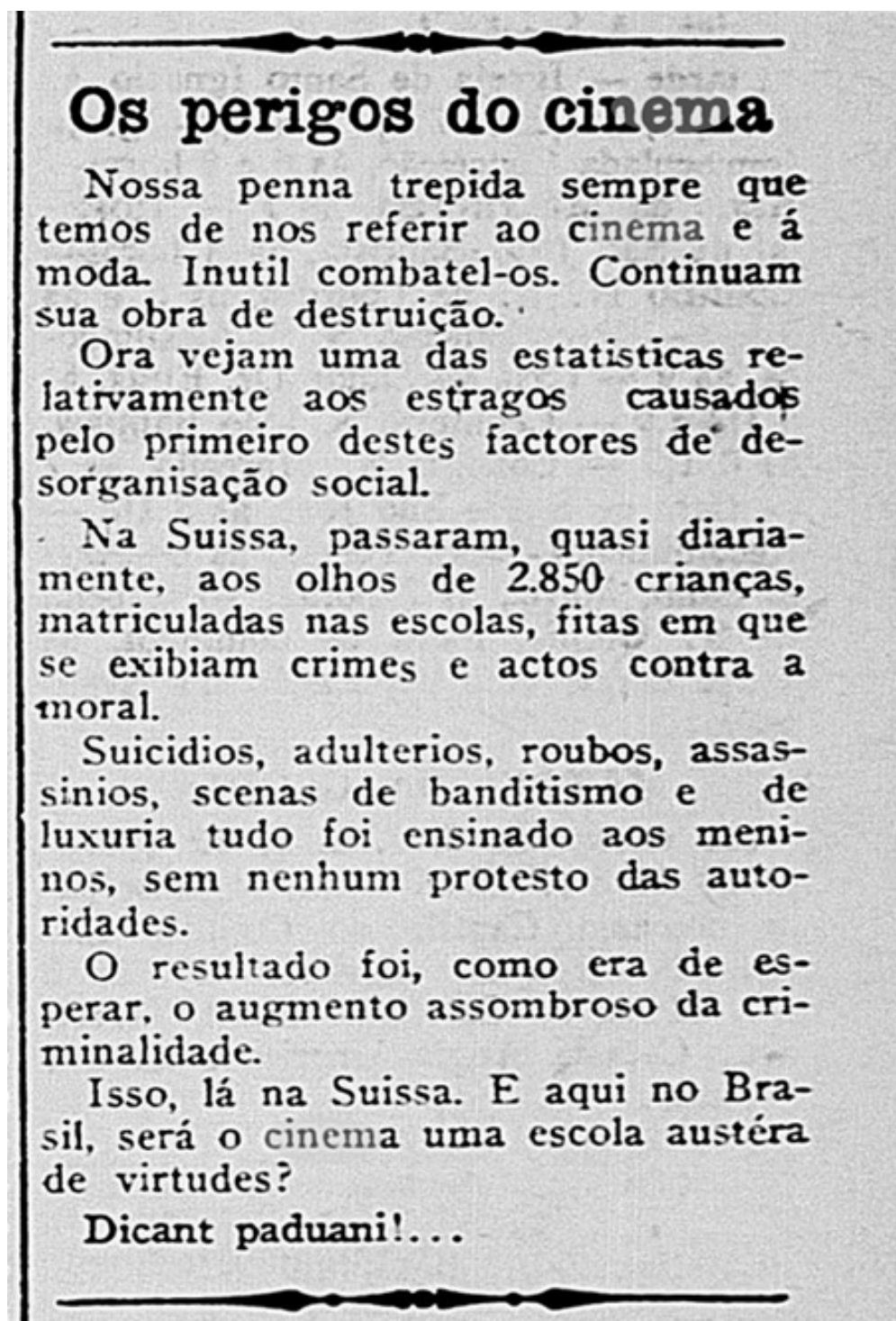
⁶⁶ CAMARA, Sônia. *Sob a guarda da República. A infância menorizada no Rio de Janeiro da década de 1920*. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

⁶⁷ *Ibid.*, pp. 126-127

⁶⁸ ARAÚJO, *op. cit.*, p. 167.

⁶⁹ *A Cruz: Orgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*, 16 de junho de 1929, p. 7.

como a do juiz em outros estados. Ao final, o Conselho Supremo da Corte de Apelação decidiu que os pais poderiam levar seus filhos aos cinemas e aos teatros.⁷⁰



“Os perigos do cinema”, *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 22 de setembro de 1929, p. 7.

⁷⁰ CAMARA, *op. cit.*

Entre as razões para o periódico ser contra a presença de menores nas salas de cinema estava o risco deles se envolverem em crimes e até mesmo suicídios pela influência do cinema. Em relação aos crimes, já citamos anteriormente o caso do menino que roubou joias, mas outros casos vão ser citados, como os de jovens estudantes, reunidos em grupos na França, que sugestionados por filmes que haviam assistido, cometeram os mesmos crimes que haviam contemplado na tela grande. A nota ainda conta que os tribunais franceses lavraram 2893 sentenças contra crianças no ano de 1918 e 3617 no ano seguinte.⁷¹ Em outro país, na Suíça, os dados também eram alarmantes. O periódico relacionava o fato de 2850 crianças, matriculadas em escolas, assistissem diariamente fitas em que se exibiam crimes e atos contra a moral, com o “aumento assombroso da criminalidade. (...)”⁷².

Outro problema grave atrelado ao cinema eram os suicídios de menores. Mais de uma vez o tema é citado. Em uma nota, é anunciada a morte de uma menina de 6 anos de idade,⁷³ moradora do interior de São Paulo, que havia tirado a vida com uma arma. A culpa da tragédia seria atribuída ao cinema. Um mês depois, a publicação voltaria a tocar no assunto, indicando a incidência de casos em São Paulo. “Para os jornais, é isto a influência climatérica, a influência dos cinemas e a precocidade infantil”⁷⁴.

Se as crianças necessitavam de proteção, aqueles que deveriam garanti-la, os pais, também estavam na mira do periódico por não cumprirem seu papel. Num texto intitulado “Educação infantil”⁷⁵, o jornal queixava-se que as crianças não se interessavam mais por brinquedos infantis e ao invés disso, pensavam em danças, em ir aos cinemas e até mesmo namorar. E questionava se eram dos pequenos a culpa. A resposta vinha em seguida: “Absolutamente, não. A culpa é de quem as devia cuidar e não cuida”. Como acusa um artigo, as pobres criancinhas estavam a mercê de pais que não percebiam os perigos do cinema:

⁷¹ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 12 de março de 1922, p. 1.

⁷² A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 22 de setembro de 1929, p. 7.

⁷³ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 26 de novembro de 1922, p. 3.

⁷⁴ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 03 de dezembro de 1922, p. 1.

⁷⁵ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 26 de julho de 1925, p. 2.

Se os pais viessem a saber que alguém ensinava a seus filhos um curso de imoralidade, que tempestade! Pra aquele tal filme não é porventura um verdadeiro curso de imoralidade? E conteúdo os cegos dos pais dizem: Estuda bem, querido e de tarde iremos ao cinema. Sê boazinha, filinha, diante das visitas e iremos ver o superfilme “Atlantide”. Ávidos de emoções violentas é justamente o que os pequenos desejam. Oh, pais! Em vez daqueles jogos e passeios ao ar livre, donde os vossos filhos voltariam com os pulmões cheios de bom oxigênio, vós os estiolais em salas insalubres para o corpo e insalubres para o coração. Pobres criancinhas!⁷⁶

Se os genitores não se preocupavam com os filhos e os deixavam a mercê da imoralidade do cinema, o jornal católico contava com as autoridades para proteger as crianças do ambiente cinematográfico. O periódico anunciava com alegria todas as iniciativas que buscavam proibir ou limitar a presenças de menores nas salas de cinema, como o caso de uma lei proposta pelo ministro da justiça da Bélgica⁷⁷ de proibir a entrada de menores de 16 anos, de ambos os sexos, no cinema. Assim como um projeto do prefeito de Buenos Aires⁷⁸ para que criem sessões especiais para crianças, onde se exibiria determinados filmes.

Ainda que a crítica aos pais fosse presente, a responsabilização das mães aparecia com mais frequência e um explícito incômodo com a ausência feminina no lar. Um artigo de Guiomar de Sá Fonte não poupa críticas às mulheres que ficam longe de suas casas: “E essa mãe de família, insensata, leviana por vezes, que vive pelas nossas avenidas, de cinema para cinema, ostentando modas pouco dignas de uma mãe de família, esquecida do lar, onde deixou os filhinhos entregues a empregadas”⁷⁹.

Com as mudanças advindas com a modernidade, já referenciadas anteriormente, as mulheres da elite e classe média deixaram o espaço privado das casas e começaram a explorar os espaços públicos como as ruas, as praças e os estabelecimentos de lazer, como os cinemas. Segundo Araújo, “por volta de 1910 as mulheres de elite já andavam sozinhas na rua, passeavam e se divertiam”⁸⁰. Mesmo com mais liberdade para

⁷⁶ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 04 de novembro de 1923, p. 1.

⁷⁷ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 03 de outubro de 1920, p. 3.

⁷⁸ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 14 de novembro de 1920, p. 1.

⁷⁹ A Cruz: *Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 27 de janeiro de 1929, p. 2.

⁸⁰ ARAÚJO, *op. cit.*, p. 88.

circular, as mulheres da elite permaneciam subordinadas à autoridade dos maridos e pais e necessitavam ter sua honra protegida.

Em se tratando de relações de gênero, (ir ao cinema) era um dos poucos momentos que as mulheres das classes mais altas tinham fora do ambiente doméstico, muitas vezes inclusive desacompanhadas de seus maridos, noivos e pais, embora tivessem de se submeter em algumas dessas saídas à mãe ou a outra figura feminina.⁸¹

Com os homens dedicados ao trabalho, as mulheres da elite e da classe média, juntamente com as crianças, passaram a figurar entre os principais públicos de interesse dos proprietários de salas de cinema, sobretudo nos horários diurnos. A presença feminina e infantil, além de garantir maior ocupação das sessões, também conferia ao ambiente um caráter mais civilizado, pois obrigava os homens a conter seus instintos considerados “bestiais”, de modo a não ameaçar os indivíduos vistos como mais frágeis que compartilhavam aquele espaço.⁸²

Neste contexto em que as mulheres buscavam mais o lazer na rua e que os proprietários de cinema buscavam atraí-las, o Padre Tabosa vai utilizar as páginas de *A Cruz* para realizar uma cruzada contra às mulheres e principalmente às mães que desertam seus lares, conforme podemos observar nos trechos abaixo.

(...) Pobre criança, passa dia inteiramente sem ver a mãe, que também dorme até tarde, e sai por dia mais de uma vez à cidade. Às 2 horas vai à Avenida, à noite ao cinema ou ao teatro, havendo pela manhã dado um saltinho à modista de decotes, ao dentista ou ao massagista... sei la mais aonde?... E a criança? Não lhe faltam roupas ricas, perfumes finos, sapatos custosos, alimentação abundante, mas vive, morrendo de inanição espiritual, ninguém cuida da sua alma, vive como se não fosse cristã. Que responsabilidade tremenda pesa sobre as consciências de pais tão cruéis e de mães tão desalmadas!!!⁸³

(...) pergunta pela mãe, não está, saiu a passeio, não voltará tão cedo (...) Batem 5 horas, quando vem entrando a sua mãe brigando com a engomadeira, contra a modista e até contra a professora de seu filho, para o qual ainda não teve hoje um beijo, uma carícia, uma

⁸¹ LAPERA, Pedro Vinicius Asterito. “De ‘bom exemplo’ em ‘bom exemplor’: consumo cinematográfico e presença das mulheres no espaço urbano da Belle Époque carioca”, *Cadernos Pagu*, n. 60, 2020, DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449202000600011>, p. 22.

⁸² *Ibid.*

⁸³ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 08 de janeiro de 1922, p. 2.

demonstração de verdadeiro amor. Volte-se arrebatada para ele e beija-o secamente, parecendo fazer esforço supremo...⁸⁴

Contudo, não era apenas no papel de mãe que as mulheres falhavam na visão dos articulistas do jornal católica carioca. O escritor Soares D’Azevedo vai condenar as mulheres que não são donas do lar e que ocupam um lugar serviçal em seus lares: “A esposa borda, lê, toca, recebe visita e vai ao cinema. O botão da camisa do marido pode muito bem ser pregado pela agulha da arrumadeira... (...) A mulher moderna abomina a cozinha, o dedal e a vassoura”. Ele ainda arremata: “e considera o esposo um excelente amigo”⁸⁵. É explícito o incômodo do autor com as mudanças do papel da mulher na sociedade. No período em que a crítica é publicada muitas mulheres já trabalham fora de casa, há lutas pelos direitos femininos e a frase final do texto sugere que há uma sensação de perda da masculinidade dos maridos as mulheres modernas. Ou seja, um marido que não é servido, ocupa um lugar de amigo. Conforme Maluf e Mott, as mudanças trouxeram novas conformações da sociedade patriarcal, obrigando as mulheres a fazerem “(...) inúmeros ajustes e concessões para, ao mesmo tempo, preservar o tradicional ideal de pureza e de submissão, combinar com as novas expectativas burguesas de gerência eficiente do lar e ainda representar em sociedade o papel de companheira adequada”⁸⁶.

Em busca de um cinema benéfico, instrutor e educador

Se há um mau cinema, para o periódico *A Cruz* também há um bom. O jornal combate o primeiro e busca o segundo, numa crença de coexistência de ambos, ainda que com desejo de suplantar o cinema de vícios. “Ao lado do mau cinema, do cinema de paixões inconfessáveis e de cenas brutais de assassinio e de luta, existe assim um outro cinema, o cinema benéfico, o cinema instrutor e educador”⁸⁷, explica a publicação numa crítica do filme *Os Dez Mandamentos*. O desejo dos religiosos fica claro no final do texto: o uso do cinema para propagar a doutrina cristã. “Pudessem

⁸⁴ *A Cruz: Orgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*, 07 de maio de 1922, p. 3.

⁸⁵ *A Cruz: Orgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*, 12 de junho de 1921, p. 4.

⁸⁶ MALUF, Marina e Maria Lúcia Mott. “Recônditos do mundo feminino”. In: Sevckenko, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil: República: Da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021, p. 310.

⁸⁷ *A Cruz: Orgão da Paróquia de São João Baptista (RJ)*, 02 de agosto de 1925, p. 2.

todas as verdades da nossa santa religião serem expostos ao público através da tela e já não estaríamos a lamentar a ignorância que por aí vai em matéria de verdades da nossa fé”⁸⁸. Isso porque o jornal acredita que o cinema é o instrumento de difusão de ideias mais eficaz, sendo utilizado em universidade e escolas ao redor do mundo para auxiliar no ensino.

As lições de história e de “cousas” proporcionadas no écran, facilitariam muito a acumulação no cérebro de ideias e fatos, transmitidos por via sensorial, sempre mais viva e impressionante do que qualquer outro recurso puramente intelectual de estudo. É pena que ninguém lance mão de um tal instrumento. Sabemos quanto é ardente o desejo da Igreja de ver estabelecido o cinema como meio de cultura, mas é que as empresas só visam a exploração rendosa da sensibilidade malsã. Se fosse aceitável o processo emocional ora usado!⁸⁹

Para que o cinema seja bom, os filmes devem ser instrutivos, úteis e de profundo senso moral, como fica descrito na crítica do filme religioso “Agonia de Jerusalém”⁹⁰. Além dos filmes religiosos, outra proposta dos autores do periódico é o investimento no cinema educativo. Tal modelo ofereceria às famílias brasileiras filmes com lições de higiene, de moral sã e de fundo cívico. Numa transcrição da fala de Elóra Possólo, membro da comissão de cinema e família, durante a Exposição de Cinema Educativo realizada em 29 de agosto de 1929, a palestrante aponta que os filmes seriam cuidadosa e pedagogicamente selecionados, sendo eles bons dramas e boas comédias, gênero que ela defende ao dizer que se for de um cômico sadio, “feito para provocar, numa raça como a nossa por natureza sentimental e triste a explosão do riso. (...) E teremos o inimigo temível da família, convertido no seu maior e mais dedicado amigo”⁹¹. A Associação Brasileira de Educação (ABE), com base nos ideais escolanovistas, buscava a utilização de um cinema educativo. “O que se objetivava era que o cinema fosse, juntamente com os espetáculos de teatros, parte das iniciativas destinadas à educação e à elevação moral das crianças, em vez de se constituir em mais uma escola de vícios”⁹².

⁸⁸ *Ibid.*

⁸⁹ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 29 de julho de 1928, p.1.

⁹⁰ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 04 de agosto de 1929, p. 3.

⁹¹ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 15 de setembro de 1929, p. 2.

⁹² CAMARA, *op. cit.*, p. 396.

Por fim, podemos compreender que o bom cinema é aquele que atende à moral e as crenças da Igreja Católica, tanto que num trecho publicado no jornal, haverá uma defesa de “É preciso produzir filmes moralizadores, cristãos, católicos”, para que “que um agente tão precioso de educação e instrução, como é o cinema, sirva para a glória de Deus, prestígio da Igreja e salvação das almas”⁹³. O que veremos ao longo das páginas de *A Cruz* é que a Igreja vai lutar pelo o que ela acredita ser o bom cinema, buscando a censura prévia de filmes, a realização de congressos para discutir a moralidade das películas, a implementação de associação de profissionais da indústria cinematográfica católico e por fim, a criação de cinemas dentro de igrejas, como o Cinema Gloria, que posteriormente passará a se chamar Cinema da Matriz, com exibições dentro da paróquia da matriz do Coração de Jesus, na Rua Benjamin Constant, 42, bairro da Gloria. O periódico irá anunciar a programação dos cinemas católicos e tentará dissuadir os fiéis de frequentarem as salas mundanas, nas quais a Igreja ainda não havia conseguido implementar seu projeto censorador.

Considerações finais

A análise do periódico *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)* permitiu mapear e compreender como o cinema silencioso aparece nas páginas do jornal na década de 1920. Os registros encontrados evidenciam a tentativa de enquadrar a nova arte dentro de uma lógica moralizante, em consonância com o projeto ultramontano que buscava reforçar a autoridade da Igreja frente aos avanços da modernidade. Nesse sentido, o cinema não foi entendido apenas como um espaço de lazer, mas como campo de disputa pela formação da consciência dos fiéis.

As críticas reiteradas ao chamado “mau cinema” mostram como o periódico construiu uma narrativa de alerta em torno da sétima arte, associando-a ao crime e à imoralidade. Ao escolher o cinema como ameaça, *A Cruz* reforçava a necessidade de orientar os católicos sobre o que deveria ou não ser consumido, demarcando fronteiras entre o que se configurava como prática legítima e aquilo que se aproximava da dissolução moral.

⁹³ *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista (RJ)*, 12 de março de 1922, p. 1.

A preocupação do jornal com crianças e mulheres revela também a reação da Igreja às mudanças trazidas pela modernidade em relação às mulheres e à família. Ao responsabilizar mães e pais pela corrupção dos filhos, o periódico não apenas reforçava valores patriarcais e tradicionais, como também procurava reafirmar o lugar da Igreja como guardiã da família. As mulheres, em especial, foram alvo de forte vigilância moral, já que sua circulação pelos espaços urbanos e de lazer representava uma ruptura com o modelo defendido pela instituição.

Por outro lado, a defesa de um “bom cinema” mostra que a crítica católica não se restringia à negação dessa forma de arte. Havia também a expectativa de apropriação do cinema como veículo pedagógico e religioso, capaz de educar moralmente os fiéis e de reforçar os valores cristãos. Essa ambivalência evidencia o caráter estratégico da Igreja frente a esta arte: se o cinema podia ser corruptor, também poderia ser instrumento de salvação, desde que controlado e adaptado às finalidades católicas. Em síntese, o estudo de *A Cruz* demonstra que o jornal cumpriu papel fundamental na difusão da visão católica sobre a modernidade, posicionando-se contra práticas consideradas ameaçadoras, no caso aqui, o cinema, e propondo alternativas moralizadoras.

Bibliografia

A Cruz: órgão da Parochia de S. João Baptista (RJ). Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *Meios de comunicação católicos na construção de uma ordem autoritária: 1907-1937*, Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

AQUINO, Maurício de. “Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930)”, *Revista Brasileira de História*, vol. 32, n. 63, 2012, pp. 143-170, DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000100007>

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

- BARBOSA, Marialva Carlos. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas. Introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BERNARDET, Jean Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia*. São Paulo: Annablume, 1995.
- BRASIL, Eric e Leonardo Fernandes Nascimento. “História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica”, *Revista Estudos Históricos*, v. 33, n. 69, 1 jan. 2020, pp. 196–219, DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-14942020000100011>.
- BRUM, Alessandra. “Estratégias de persuasão: o cinema visto pelo semanário lar católico”, *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, vol. 6, n. 12, 2016, pp. 99–109. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15741> [Acesso: 10 de julho de 2025].
- CAMARA, Sônia. *Sob a guarda da República. A infância memorizada no Rio de Janeiro da década de 1920*. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.
- FREIRE, Rafael de Luna. *O negócio do filme: a distribuição cinematográfica no Brasil, 1907-1915*. Rio de Janeiro: Cinemateca MAM Rio, 2022.
- _____. “Truste, músicos e vitrolas: A tentativa de monopólio da Western Electric na chegada do cinema sonoro ao Brasil e seus desdobramentos”, *Imagofagia. Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual*, n. 5, abril de 2012, pp. Disponível em: <https://imagofagia.asaeca.org/index.php/imagofagia/article/view/684> [Acesso: 01 de julho de 2025].
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira e Raquel Costa Santos. “Cinema e católicos no Brasil: entre a ação pastoral-religiosa e a ação cultural-educacional”, *ALCEU*, v. 15, n. 30, jan./jun. 2015, pp. 146-167.
- KALIFA, Dominique. *A tinta e o sangue. Narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque*. São Paulo: Editoria Unesp, 2019.
- LAPERA, Pedro Vinicius Asterito. “De ‘bom exemplo’ em ‘bom exemplop: consumo cinematográfico e presença das mulheres no espaço urbano da Belle Époque carioca”, *Cadernos Pagu*, n. 60, 2020, DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449202000600011>

- LAPERA, Pedro Vinicius Asterito e Felipe Davson Pereira da Silva. “Entre moralidades e visualidades: cinema e religião na Primeira República”, *MATRIZES*, v. 16, n. 1, 2022, pp. 257-283, DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i1p257-283>
- LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: Pinsky, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2025, pp. 111-154.
- MACHADO, Daniel Fagundes de Carvalho. *A ‘cruzada magna’ do século XX: uma análise da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) sob a ótica do jornal A Cruz: órgão da paróquia de São João Baptista (RJ)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista, Franca, 2023.
- MALUF, Marina e Maria Lúcia Mott. “Recônditos do mundo feminino”. In: Sevcenko, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil: República: Da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021, pp. 288-330.
- MOURA, Sergio Lobo de e José Maria Gouvêa de Almeida. “A Igreja na Primeira República”. In: Pinheiro, Paulo Sergio (org.). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano. v. 9. Sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- Papa Pio XI. Apostolado Veritatis Splendor. *Vigilanti Cura*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html [Acesso: 17 de agosto de 2025].
- RODRIGUES, Márcia B. F. “Razão e Sensibilidade: Reflexões em torno do Paradigma Indiciário”, *Dimensões - Revista de História da Ufes*, n. 17, 2005, pp. 213-221. Disponível em: <https://www.portaldepublicacoes.ufes.br/dimensoes/article/view/2431> [Acesso: 17 de agosto de 2025].
- SANTOS, Marco Antonio Cabral dos. “Criança e criminalidade no início do século XX”. In: Priore, Mary Del. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: contexto, 2024. pp. 210-230.
- SILVEIRA, Walter da Silveira. *A história do cinema vista da província*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.
- TEIXEIRA. João Vitor de Armas. “A História dos, nos e por meio dos periódicos e a Hemeroteca Digital Brasileira: reflexões metodológicas”, *Revista Discente Offícios de Clio*, vol. 8, n. 14, janeiro – junho de 2023, pp. 415-431, DOI: <https://doi.org/10.15210/cliio.v8i14.25349>.

VADICO, Luiz Antonio. *A imagem do ícone - Cristologia através do cinema. Um Estudo sobre a Adaptação Cinematográfica da Vida de Jesus Cristo*, Tese (Doutorado em Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, 2005.

Fecha de recepción: 27 de agosto de 2025

Fecha de aceptación: 28 de noviembre de 2025

ARK CAICYT:

<https://id.caicyt.gov.ar/ark:/s24690767/xbrawg7ro>

Para citar este artículo:

EBERT, Sancler. "O (bom e mau) cinema no jornal católico *A Cruz: Orgão da Parochia de São João Baptista* Rio de Janeiro (1920-1929)", *Vivomatografías. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, n. 11, diciembre de 2025, pp. 51-80. Disponible en: <<https://www.vivomatografias.com/index.php/vmfs/article/view/524>> [Acceso dd.mm.aa]

* **Sancler Ebert** é Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual (PPGCine) da Universidade Federal Fluminense (UFF) com período sanduíche na Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Professor dos cursos de Comunicação do Centro Universitário FMU/FIAM-FAAM (SP). Secretário Executivo da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2009). Integrante do grupo de pesquisa Modos de Ver - Estudos das salas de cinema, exibição e audiências, da ESPM-Rio. Criador junto de Livia Cabrera e Ryan Brandão da plataforma "histórias de cinemas", que reúne pesquisas realizadas na Pós-Graduação Strictu Sensu sobre salas de cinema e exibição cinematográfica. E-mail: sanclerebert@yahoo.com.br.